

Volume 1

# COMUNICAÇÃO, JORNALISMO E MEMÓRIA

- ESTUDOS REGIONAIS -

ORGANIZADORES:

ROSEANE ARCANJO PINHEIRO  
THAYS ASSUNÇÃO REIS  
DOMINGOS ALVES DE ALMEIDA  
RODRIGO NASCIMENTO REIS



# Análise exploratória do Coojornal: mídia de resistência regional à ditadura nacional

**Antonio HOHLFELDT**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS

**Rafaela dos Santos SOUZA**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, RS



## RESUMO

A pesquisa analisa edições do *Coojournal*, publicação vinculada a uma cooperativa de jornalistas, que prestava serviços jornalísticos a diferentes entidades, notadamente a outras cooperativas. Nasceu com o intento de trazer informações e dar cobertura sobre as condições e os contextos em que o exercício do jornalismo ocorria, notadamente em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul, em 1974. Desde o início de sua circulação não era exatamente um jornal: fora um boletim, depois tornou-se, na prática, uma revista: a periodicidade de circulação era mensal e o forte da publicação era a reportagem de profundidade. Concluímos que o *Coojournal* incorporou, valorizou e por vezes antecipou as linguagens criativas aproximadas ao chamado *jornalismo literário*.

**Palavras-chave:** Rio Grande do Sul; Jornalismo; *Coorjournal*; Ditadura Militar.

---

## INTRODUÇÃO

A publicação se denominava *Coojournal*, vinculada a uma cooperativa de jornalistas, que prestava serviços jornalísticos a diferentes entidades, notadamente outras cooperativas. Nasceu com o intento de trazer informações e dar cobertura sobre as condições e os contextos em que o exercício do jornalismo ocorria notadamente em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul, por uma dupla razão: naqueles idos de 1974, a Cia. Jornalística Caldas Júnior começava a apresentar dificuldades. Havia fechado o tablóide Folha da Manhã, na verdade, muito mais por problemas políticos – o velho Breno Caldas, dono da empresa, embora nem sempre seguisse à risca as orientações do governo militar, queria ter a liberdade de decidir, ele mesmo, quando enfrentar a cúpula ditatorial, sem ser levado a isso obrigatoriamente por decisão de alguns de seus jornalistas. Corria, na época, anedota, depois também atribuída a Irineu Marinho, proprietário de *O Globo*, no Rio de Janeiro, de que, quando o então jornalista, mas também (aliás, excelente) radialista Lauro Hagemann, cassado de seu mandato da Câmara de Vereadores de Porto Alegre, foi pedir emprego na Rádio Guaíba, a poderosa emissora da Caldas Júnior, foi admitido. Questionado sobre a decisão por algum representante da cúpula militar, Breno Caldas teria respondido que os militares cuidassem dos comunistas na rua, porque dos seus comunistas, isto é, seus funcionários, cuidava ele. Fosse como fosse, Breno Caldas talvez tenha entendido que estava perdendo o controle de seus comunistas da redação do provocativo tablóide, e decidiu fechá-lo. Na verdade, outro motivo teria sido o fato de ter-se convencido de que manter dois tablóides – a *Folha da Tarde* e a *Folha da Manhã* - apenas para contra-atacar e combater o tablóide do concorrente, no caso, *Zero Hora*, do então nascente grupo RBS, não estava dando resultado e lhe custava

muito caro. Seja como for, a *Folha da Manhã* foi fechada e mais adiante a própria *Folha da Tarde* também seria extinta (KUCINSKI, 1991, p. 210). Por outro lado, o mercado jornalístico da cidade vinha diminuindo notadamente, com o encerramento das atividades do tradicional *Diário de Notícias*, vinculado aos Diários Associados. Assim, alguns jornalistas profissionais de Porto Alegre<sup>67</sup> conseguiram reunir uma centena de profissionais desempregados e alguns outros que, por convicção ou para apoiar a iniciativa, aceitaram participar da idéia – e foi fundada a cooperativa. Como princípio geral da mesma, cada associado tinha um voto e tudo era decidido coletivamente. A entidade passou a produzir *house organs*, por exemplo, do Internacional, Sindicato dos Bancários, Companhia União de Seguros Gerais, FECOTRIGO, etc. (KUCINSKI, 1991, p. 211). O sucesso da empreitada levou a cooperativa a criar um jornal – melhor dizendo, um boletim – mensal que desse conta do que ocorria no universo jornalístico e da comunicação, em geral, da cidade, do estado e do país, tema verdadeiramente tabu<sup>68</sup>.

Mais uma vez, a iniciativa deu resultado: depois de oito edições deste boletim mensal, a cooperativa resolveu transformá-lo em veículo para consumo externo: supria a alegada falta de jornais na cidade, em especial jornais com uma capacidade mínima de autosuficiência e independência (tanto política quanto econômico-financeira), capazes de bem informar e, sobretudo, de informar aquilo que os *jornalões*, a chamada *grande imprensa* ou *imprensa de referência*, nem sempre informava, quer por decisões vinculadas à autocensura, quer a partir de proibições advindas diretamente da censura que enviava bilhetes e fazia telefonemas, os mais inesperados possíveis, alertando sobre a inconveniência de certas publicações (MARCONI, 1980).

Neste sentido, o *Coojornal*, embora tivesse no próprio título de batismo a referência a um pretense jornal e ser impresso, até então, em papel jornal, desde o início de sua circulação não era exatamente um jornal: fora um boletim, agora, tornava-se, na prática, uma revista: a periodicidade de circulação era mensal e o forte da publicação era a reportagem de profundidade, pois que, circulando a cada mês, e havendo disponibilidade de mão de obra qualificada, o periódico podia escolher temas pouco explorados pela imprensa diária e aprofundá-los, variando os enfoques e produzindo material de alta qualidade, sobretudo quando escolhia temas provocativos, em que pese o jornal viver a censura prévia como todas as demais publicações vinculadas à chamada imprensa alternativa ou *nanica*, como a denominara João Antonio (1975). Mais que isso, antecipando-se às tecnologias que, mais adiante, permitiriam o colorido das atuais edições de jornais em todo o país, o *Coojornal* valia-se da coloração de suas capas mediante duas práticas: ou toda a página trazia uma única cor chapada, sobre a qual se aplicavam letras pretas ou vazios brancos; ou utilizava a cor na composição de algumas manchetes que pretendia destacar. Na verdade, era uma única cor, alternada com o preto e o branco tradicionais dos demais jornais, mas o bastante para destacar a publicação diante dos outros periódicos (GUIMARÃES, CENTENO et BONES, 2011).

<sup>67</sup>Naquela época, o sindicato da categoria mantinha sua base sindical apenas na cidade e em sua área metropolitana, havendo outros sindicatos regionais que, muito mais tarde, haveriam de se unificar.

<sup>68</sup>Para Bernardo Kucinski, foi “a mais elaborada tentativa de construção de uma forma alternativa de propriedade para jornais dos anos 70” (KUCINSKI, 1991, p. 207).

## O COOJORNAL OU A COOJORNAL?

Esta potencialidade da capa traduzir, de certo modo, a identidade de uma publicação é bem observada por Maurice Mouillaud, quando escreve: “A propriedade mais trivial do nome-de-jornal é a de ser o primeiro enunciado que um jornal oferece à visão no espaço e no tempo. A apresentação de seu nome se opera na presença de outros nomes, aqueles dos jornais que fazem parte do mesmo paradigma” (MOUILLAUD, 2002, p. 86). Ora, na verdade, o *Coojornal* apresentava-se, naquele primeiro momento, *sem paradigma*, pois não havia nenhuma outra publicação, ao menos naquele momento e naquele espaço – do Rio Grande do Sul - semelhante a ele. Mais que isso, seu título induzia a um jogo de significados, porque a *Coojornal* era a cooperativa dos jornalistas que passava, agora, a editar uma publicação – um pretendido jornal mensal – o Coojornal. Durante muito tempo, aliás, os consumidores por vezes se equivocavam, referindo-se à cooperativa como o Coojornal quando este, na prática, era o jornal, e não vice-versa.

O nome, ou título da publicação, encontrava-se num logotipo que combinava letras em caixa baixa, referentes à cooperativa, com letras em caixa alta, que referiam o fato de a publicação ser um jornal: assim: cooJORNAL. E um *slogan*, que ampliava aquilo que o boletim consagrara: órgão da cooperativa dos jornalistas de Porto Alegre, quer dizer, um jornal de jornalistas, sem patrões. Ora, esta referência implicava *um jornal de jornalistas capaz de dizer o que os outros jornais não diziam e enfrentar a censura da ditadura*.

A exemplo do que ocorreu com outras publicações brasileiras, tanto alternativas (JOÃO ANTONIO, 1975), quanto institucionalizadas, como *O Estado de São Paulo* ou *Veja, Movimento* ou *O São Paulo* - este ligado à Cúria Metropolitana de São Paulo – quando o Coojornal deixou de enfrentar a censura prévia, tratou imediatamente de recuperar materiais anteriormente proibidos. A exemplo do que já registrei, a propósito de *Movimento* (2016), um novo período passou a se desenvolver, em que tais publicações experimentavam até o limite a relativa liberdade concedida. O *Coojornal* pagou caro por este tensionamento, em duas ocasiões: a primeira, em 1980, ao editar uma grande reportagem a respeito da guerrilha no Araguaia; depois, em 1983, quando teve acesso a uma espécie de diário do General Olympio Mourão Filho, detalhando os movimentos iniciais que redundaram no golpe de 1964. Nas duas ocasiões, o *Coojornal* teve seus profissionais processados com base na Lei de Segurança Nacional e, inclusive, presos<sup>69</sup>. De qualquer modo, a nova estratégia alargou a cobertura temática e certamente o interesse dos leitores pela publicação. O fechamento do *Coojornal*, portanto, em que pesem as diferentes versões que circulam até hoje, deveu-se menos a uma alegada pressão da ditadura<sup>70</sup> do que a problemas internos que o grupo não conseguiu resolver, aliás, a exemplo do que também ocorreu com *Movimento*<sup>71</sup>.

---

<sup>69</sup>Ver ROCHA, Carole Funck – Um editor chamado tesoura: A censura no Coojornal, Porto Alegre, PUCRS, 2008, mimeo.

<sup>70</sup>Alguns agentes do SNI – Serviço Nacional de Informações – visitaram agências de publicidade e grandes empresas que eventualmente anunciavam no periódico, sugerindo que a manutenção de tal colaboração com uma publicação subversiva poderia levar o Governo a não manter relações comerciais com as mesmas.

<sup>71</sup>O detalhamento sobre a crise pode ser melhor aferida no texto de Bernardo Kucinski, já referido (1991, p. 215 e ss.).

Por tudo isso, o *Coojornal*, gradualmente, deixou de ser apenas uma publicação regional para tornar-se referência nacional e, por conseqüência, parte importante de uma história recente do jornalismo e da imprensa brasileiros.

## LEITURA SELETIVA ANUAL A PARTIR DE OUTUBRO DE 1976

O exercício a que nos propomos, neste artigo, é bastante simples. Levando em conta a função instrumental da primeira página – ou capa – escolhemos as primeiras edições do *Coojornal* editadas após ele tornar-se propriamente um jornal – ou uma revista – para observarmos que realidade passou a ser construída pela publicação junto a seus leitores.

Para isso, escolhemos as edições relativas a cada ano de publicação, a partir daquela primeira de outubro de 1976, de número 9. Sucessivamente, pois, examinamos as edições 21, de outubro de 1977; edição 33, de outubro de 1978; edição 46, de outubro de 1979; edição 58, de outubro de 1980 e edição 68, de outubro de 1981, após o que o jornal encerrou suas atividades. Fizemos, primeiramente, um levantamento de todas as chamadas de capa que essas edições apresentaram; selecionamos aquelas manchetes cujo desenvolvimento redacional alcançasse pelo menos duas colunas com um mínimo de quinze centímetros de altura, com preferência para as que trouxessem ilustração ou algum infográfico<sup>72</sup>. Verificamos, preliminarmente, que todas as chamadas de capa receberam, pelo menos, uma página inteira de desenvolvimento redacional.

Mas também observamos que as chamadas de capa não esgotavam os assuntos destacados em cada edição, pois a maioria delas apresenta outras reportagens ou artigos, com uma ou mais páginas, que nem sempre aparecem nas capas dessas edições. Então, levantamos estas matérias com um mínimo de uma página de extensão, mesmo que não estivessem destacadas por alguma manchete na capa do jornal.

Vejamos os dois quadros abaixo:

COOJORNAL: AGENDAS DE COMBATE (1975-1983) - Edições de outubro

Edição	Ano	Manchete 1	Manchete 2	Manchete 3	Manchete 4	Manchete 5	Manchete 6
Edição 9	1976	A guerra das bombachas: propaganda x anunciantes.	Ruy Mesquita: "A imprensa está na mão de picaretas".	125 Demissões nos Associados	Reportagem: uma janta quase mortal	Ninguém vai ouvir esse homem outra vez?	A volta do Quadrão
Edição 21	1977	Ferreira Gullar "Só uma visão estreita pode ignorar o valor de Jorge Amado"	Brizola e Brizolismo	Lupicínio Rodrigues, um tributo à mulher infiel	O Rio Grande não é mais aquele	Violência: já estão matando nas ruas	

<sup>72</sup>É interessante observar-se que, embora ainda não se usasse a designação infográfico para tais representações gráficas ou visuais de personagens, situações ou cenas, o *Coojornal*, por uma questão de economia e valorização do pessoal da casa, que incluía excelentes chargistas e ilustradores, sempre preferiu a ilustração à fotografia, que dependia de agências e significava custo adicional à já alta despesa a que a censura prévia obrigava aquelas publicações. A este respeito, leia-se o interessante trabalho de Giovanna Hagemann Pozzer, denominado *A sociedade através de imagens. Linguagem visual das fotografias e ilustrações apresentadas nas capas do Coojornal* (Porto Alegre, PUCRS, 2014).

Edição 33	1978	A emoção das velhas eleições	Volta do caso "mãos amarradas"	O sequestro	Strassburger: até onde pode ir um candidato muito rico		
Edição 46	1979	O SNI diz que os tupamaros estão financiando este jornal	A verdadeira história do Dr. Falcão, o guerrilheiro	Elis conta um segredo			
Edição 58	1980	Velhas e novas histórias de Josué Guimarães	"A abertura não precisa dos louquinhos	Ficção: o bote da sucuri	Vicente Scherer, o cardeal do poder		
Edição 68	1981	A vitória operária no cinema	Xadrez: a guerra fria vista de Porto Alegre	Dramas de Elis	O civil da igreja gaúcha	Triste Uruguai: Aldunate	

Como dissemos, contudo, outros temas são amplamente desenvolvidos nas edições estudadas, que assim resumimos:

Edição	Ano	Matéria 1	Matéria 2	Matéria 3
Edição 9	1976	E o peru não gostou	Eles ficaram de fora	Sopa Knorr, depois da carne podre
Edição 21	1977	As cooperativas começam a fazer suas exigências	O crítico mais odiado do Brasil	
Edição 33	1978	Dez anos de poupança	Indigne-se! Chega de rir do cavalo!	Abaixo o jornalismo do faz de conta!
Edição 46	1979	O dia primeiro da serpente		
Edição 58	1980	Monstrengo urbano		
Edição 68	1981	Estamos envelhecendo prematuramente	O resgate de uma lenda fronteiriça	

É a partir deste conjunto de textos, pois, que nos propomos a observar os conteúdos que faziam parte das pautas do *Coojornal*, ao longo dos anos de sua sobrevivência.

## LENDO O COOJORNAL

A primeira edição do novo formato surgiu em outubro de 1976. A capa chapada em amarelo, destacava uma estranha manchete a respeito de uma guerra entre propaganda e anunciantes, título por si só surpreendente e enfoque ainda mais inesperado; trazia uma entrevista com Ruy Mesquita, o proprietário de um dos maiores e mais tradicionais jornais brasileiros, *O Estado de São Paulo*, sob uma manchete provocativa; informações a respeito de demissões nos Diários Associados e a grande matéria de fundo: uma entrevista com o químico Milo Raffin que, anos antes, antecipara os problemas que adviriam da construção de uma grande fábrica do outro lado do Guaíba, a Borregaard, e que agora confirmava suas preocupações. Esta primeira edição, aumentada de 8 para 28 páginas, ampliando suas dimensões, agora como jornal tablóide, e se tornando mensal, saindo na segunda quinta-feira de cada mês, segundo explanava criteriosamente a “Nota do editor” da segunda página, guardava ainda muito de sua identidade anterior de boletim dirigido aos jornalistas e discutindo seu próprio universo. Mas, como afirmava aquela mesma “Nota”, um dos campos de atividade menos conhecidos do leitor comum era justamente o dos conglomerados vinculados aos meios de comunicação (ou mídia, como se diz hoje em dia). Daí que não seria muito de estranhar esta simbiose entre matérias generalistas e questões mais especificamente vinculadas ao mundo editorial e comunicacional. Outras matérias de fundo, ausentes das manchetes, mas ocupando importante espaço da publicação, foram um texto de Caco Barcellos sobre o Grupo SBT de Sílvio Santos, que provocou reação do comunicador; matéria sobre comunicadores que haviam concorrido nas recentes eleições mas não haviam alcançado o suficiente número de votos, e uma grande reportagem sobre a miséria e a fome nas vilas periféricas, a partir de um caso específico, uma família que fora parar no hospital por ingerir carne podre recolhida na rua pelo arrimo da família, e a única alternativa em usar caldo de sopa, quando todos deixam o hospital, depois de quase morrerem envenenados.

O repórter conta ter deixado a casa ao meio dia: “um pouco constrangidos, saímos para não ver a mulher do lixo desfalcar o rancho que era para 15 dias numa demonstração de fartura, misturando tudo na sopa que fervia. Ao meio dia nos retiramos da casa de Luiz Dagoberto Nunes Longarino, nascido em 23 de dezembro de 1939. Ele está envergonhado, nós também”.

Além da matéria sobre Sílvio Santos, esta edição traz uma entrevista com Ruy Mesquita, a partir de um debate ocorrido em São Paulo. Com uma acirrada concorrência de jornalistas presentes ao evento, Mesquita defende a liberdade de imprensa, faz questão de diferenciar-se dos demais grandes proprietários de jornais, mas admite ter apoiado o golpe de Estado contra Jango e contra Allende sob uma estupefaciente explicação: “há maneiras de se combater uma ditadura militar, e um regime de esquerda, uma vez instalado, não se poderia combater” (???) Confesso que não entendi, sobretudo se levarmos em conta que esta fala ocorreu em 1976, quando já ocorrera milhares de assassinatos e, pelo menos, a morte do jornalista Vladimir Herzog, no cárcere do DOI-CODI de São Paulo, um ano antes.

O jornal trazia ainda matérias sobre a GM e suas relações com os jornais *nacionais*, a disputa entre as agências de publicidade DPZ e MPM, na época a maior do Brasil; os lucros da Caldas Júnior; uma visita panorâmica à TV Globo e a presença de um mineiro na direção dos Associados do Rio Grande do Sul.

A edição de outubro de 1977 foi dedicada a três figuras de referência do estado: a principal delas, uma quase biografia de Leonel Brizola e do brizolismo; uma entrevista com Ferreira Gullar, que defende a importância literária de Jorge Amado, e uma matéria de Elmar Bones sobre Lupicínio Rodrigues, enfocando as mulheres traidoras, um dos principais temas de suas composições musicais. O artigo de fundo, porém, tocava numa ferida: o Rio Grande do Sul mudava, a olhos vistos, deixando de ser o tal celeiro do Brasil, como se dizia nos anos 1950. Na verdade, o *Coojournal* antecipava, de décadas, a situação que hoje o estado experimenta, constrangedora, de não ter orçamento para investimentos e atrasar, constantemente, os salários de seus funcionários, sempre fatiados em quatro ou cinco pagamentos.

No seu terceiro ano de circulação, em 1978, o tema central eram as eleições, com especial destaque – negativo – ao empresário Cláudio Strassburger, dono de uma das marcas mais conhecidas no Brasil, as *sandálias franciscanas*, que se lançara na política partidária, enquanto candidato a deputado federal, numa campanha de dimensão surpreendente, “pela dimensão, pela variedade de meios empregados, por alguns expedientes sofisticados que usa, pelo número de pessoas envolvido”. A matéria insiste sobre a questão ética do uso do dinheiro em uma campanha, mesmo que dinheiro próprio, tanto que o título da matéria é “Candidato S.A.”.

É interessante visitar-se aquela edição e ali encontrar os *santinhos* de alguns candidatos a deputado estadual ou federal, como André Forster e Kenny Braga. Por outro lado, pioneiramente, o *Coojournal* enfoca a luta de casais de lésbicas pelo direito de adotarem crianças. Centralizada na questão eleitoral, como já registramos, a edição faz uma bela reportagem sobre as eleições de *antigamente*, lembrando inclusive a figura de Adhemar de Barros. Outra matéria de destaque é a entrevista com o jornalista Aloysio Biondi, especializado em economia (é bom lembrar que ainda se discutia – e muito – o *milagre econômico* brasileiro e suas conseqüências, sobretudo no momento em que o Brasil enfrentava uma colossal crise, motivada pela dificuldade para com o petróleo, dentre outras questões). A relativa liberdade de imprensa permitiu ao *Coojournal* retornar ao chamado “Caso das mãos amarradas”, o assassinato do sargento Manoel Raimundo Soares, ocorrido dez anos antes, após prisão e tortura em instituições militares de Porto Alegre, acusado de subversão.

A recente liberdade de imprensa (relativa, saberiam depois os jornalistas) permitiu que, na mesma edição, o jornal revivesse o seqüestro do avião Caravelle, da Varig, em 1970, em matéria de cinco páginas inteiras, o que dá bem a dimensão da importância do material jornalístico estampado, sobretudo porque tipo de pauta era raridade e temeridade.

Nesta mesma tendência de recuperar a memória – ainda – recente da história do país, em outubro de 1979 o *Coojournal* fazia duas fortes investidas contra o regime: na

capa, chamada em destaque para “A verdadeira história do Dr. Falcão, o guerrilheiro”, referência ao jornalista Flávio Tavares, indicado como o homem encarregado diretamente, por Leonel Brizola, para liderar a guerrilha no Brasil. Flávio foi preso em 1965, voltou a ser incomodado em 1969 e acabou trocado pelo embaixador norte-americano, naquele mesmo ano. De volta ao Brasil, é Flávio quem conta a história.

Outra matéria que deveria ser considerada como evidente provocação às autoridades foi a entrevista com a cantora Elis Regina, quando ela conta – de novo, a voz do entrevistado, sem qualquer contraponto - precisaria? - como foi obrigada a gravar um comercial governista para as comemorações de uma Semana da Pátria. E se queixa de acusações infundadas que sofreu inclusive de jornalistas que trabalhavam em outros jornais alternativos. Ou seja, o *Coojornal* vai costurando esta memória recente, documentando, registrando, para que nada se perca ou se esqueça.

É claro que a controvérsia gerava reações imediatas. Na mesma edição, a publicação recente, também em manchete: “O SNI diz que os tupamaros estão financiando este jornal”. Na época, os tupamaros ainda tinham certa presença na cena política uruguaia. A matéria recupera a memória de uma entrevista exclusiva concedida por alguns representantes da guerrilha uruguaia ao periódico de Porto Alegre e o que isso provocou como reação nos serviços policiais brasileiros.

Fiel à tradição de sua origem, a cobertura em torno do universo das comunicações, o *Coojornal* daquele mês também traz entrevista do escritor e jornalista João Antonio com o publicitário e escritor, premiado no concurso Unibanco, Ruy Carlos Lisboa. Era uma história complicada: publicitário premiado na literatura, o nome do escritor foi utilizado, sem consulta prévia, para um anúncio promocional do Conselho Nacional de Propaganda, a que ele processou. Pressionado pela agência em que trabalhava a retirar o processo, a que negou, foi demitido. O periódico mostrava, assim, como era o fundo do baú do universo publicitário, normalmente apresentado com uma ótica simpática e positiva. Na mesma linha, a edição daquele mês também traz entrevista com o jornalista australiano Wilfred Burchett, primeiro correspondente de guerra a cobrir a guerra do Vietname, primeiro, contra a França e, depois, contra os americanos.

É nesta edição que, em uma coluna, sem maior destaque, a cooperativa comunica a suspensão de circulação do jornal *O Rio Grande*, recente tentativa que a entidade fizera de um jornal diário, iniciada em maio. Referindo a suspensão como temporária, a nota explica pretender uma revisão do projeto. Na verdade, o jornal não voltaria mais a circular, evidenciando algumas crises internas da associação.

Esta edição, bastante rica em material vinculado ao campo cultural, traz ainda uma matéria sobre o cineasta Sílvio Back, além de curiosa e até certo ponto estapafúrdia matéria da Eduardo Bueno, o Peninha, sobre “O dia primeiro da serpente”, com referência ao calendário asteca. A matéria ocupa três páginas da edição, e só se justificaria pelo fato de ser editada em outubro, mês normalmente dedicado à comemoração da chamada descoberta do continente americano.

Encerrando a edição, José Hildebrando Dacvanal, professor de Literatura Bra-

sileira na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ex-jornalista do *Correio do Povo* escreve extensa resenha sobre o romance *Os Guaianãs*, de Benito Barreto, registrando a obra de um escritor praticamente desconhecido no país, mas autor de um dos projetos literários mais importantes de então. Dacanal, aliás, perduraria nos anos seguintes na valorização e divulgação desta obra, chegando mesmo a alcançar sua reedição e incluindo-a em vários de seus estudos reunidos em livros.

A edição de outubro de 1980 trazia como destaque de capa entrevista com o então arcebispo de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, controversa figura da Igreja Católica, acusado de entregar muita gente ligada à igreja aos militares, inclusive Frei Beto, quando de sua passagem por Porto Alegre. Dom Vicente estava se aposentando. Mais tarde, faria uma obra extraordinária de reorganização da Santa Casa de Misericórdia, transformada, desde então e graças a ele e sua equipe, em hospital de múltiplas especialidades, de referência internacional. A capa também chama atenção para uma entrevista com Jarbas Passarinho, que fora um controverso Ministro da Educação dos primeiros anos da ditadura e emocionado defensor das iniciativas dos militares. Ou seja, *Coojornal*, ao menos nesta edição, garantia espaços à direita, claramente identificada através destas duas personalidades a que o periódico concedia a palavra. Ao mesmo tempo, valorizava a obra literária do jornalista Josué Guimarães, sempre crítico da ditadura, e dedica longo espaço – não destacado nas manchetes de capa – à crescente poluição do ar sofrida pela cidade de Porto Alegre, alegadamente graças à construção do chamado Pólo Petroquímico de Triunfo e São Jerônimo, cidades próximas à capital gaúcha. Retomava, assim, de certo modo, pauta que mantinha pelo menos desde sua edição de lançamento enquanto jornal, quando denunciava outro projeto polêmico, o da então Borregaard, fábrica de papel que se instalara em Guaíba e que, mais tarde, trocando de nome e de dono, acabaria por tornar-se modelo e referência de controle ambiental, assim como, anos depois, o Pólo Petroquímico também alcançaria tal reconhecimento. Levando-se em conta que nenhuma dessas empresas teria encaminhado tais soluções, não fosse a pressão da mídia, de movimentos organizados – recém começava a se falar em organizações não-governamentais – e a necessária resposta por parte das autoridades, bem se pode avaliar a importância de tais publicações, na medida em que, presentes nas páginas do jornal alternativo, acabava o tema sendo pautado também pelos jornais de referência<sup>73</sup>.

A edição de outubro de 1981 volta a destacar uma liderança da Igreja Católica em sua capa, agora, Dom Cláudio Colling, que sucedia a Dom Vicente, com características absolutamente diversas do antecessor, o que justificava a atenção que o jornal lhe dava, chamando com destaque a matéria pela manchete “O civil da Igreja gaúcha”, dupla referência indireta à condição de Dom Vicente, mais simpático ao re-

---

<sup>73</sup>O caso da Borregaard era emblemático. A empresa se instalara em Guaíba, bem em frente à propriedade de Breno Caldas, dono da Caldas Júnior. Ora, o jornalista ali também mantinha um haras, sua paixão, mas os cavalos começaram a sofrer problemas de saúde. Consta que isso decidiu o dono da então mais importante empresa de mídia do Rio Grande do Sul a assumir pessoalmente campanha contrário à empresa, o que levou-a a ser vendida a outro grupo, trocar de nome e, efetivamente, iniciar procedimentos de controle ambiental. Quanto ao Pólo Petroquímico, embora mais distante da cidade, seu projeto, liderado por Pedro Simon, um dos políticos mais poderosos do estado, embora na oposição ao regime, conseguiu reunir todos os segmentos políticos-partidários a seu favor, de tal sorte que logo foi aprovado e implantado no estado. Nos anos seguintes, e pelos mesmos motivos, o projeto sofreria fortes pressões até encaminhar satisfatoriamente soluções ambientais. Hoje, o projeto pertence à Braskem, como se sabe, braço da Odebrecht.

gime, e valorização indireta à presença de civis – e não de militares – nas hierarquias administrativas públicas, mesmo que de uma religião.

Esta capa voltava a destacar Elis Regina, sob o título “Dramas de Elias”, em que o jornalista Juarez Fonseca conta um pouco dos desafios vividos pela cantora, que se negava a aceitar a ditadura tanto dos militares quanto das gravadoras ou das emissoras de televisão. Não obstante, registra o jornalista, no dia seguinte ao encontro, realizou show impecável. Embora sem chamadas de capa, sucedem-se matérias sobre “Amazônia – os padres franceses e o fracasso da colonização”, tema importante por causa da emigração de gaúchos para o Norte, Nordeste e Centro-oeste do país; entrevista com o economista – também assessor do CPERS e mais tarde deputado estadual – Francisco Machado Carrion Jr. – antecipando o que anos depois seria praticamente consensual: o Rio Grande do Sul tornava-se um estado de população mais idosa que a média do país, e isso se refletia em sua economia, graças ao controle de natalidade que era mais forte entre os gaúchos do que no restante do Brasil.

O jornal ousava trazer matéria de página inteira a respeito de Cuba e de suas potencialidades turísticas<sup>74</sup> e uma entrevista com o então candidato à presidência do país, pelas esquerdas, no Uruguai, Wilson Ferreira Aldunate. Aquela edição do Coojornal dá especial atenção ao jogo de xadrez desenvolvido entre os soviéticos Anatole Karpov e Viktor Korchnoy, disputa ocorrida na Itália: o motivo da atenção dirigida a estes dois russos, é que o primeiro representa a União Soviética, pois inclusive integra o Partido Comunista, enquanto o outro fugiu de seu país e hoje vive nos Estados Unidos, sendo, evidentemente, por este motivo, considerado o representante do capitalismo.

Como tem-se registrado, o *Coojornal* costumava dar especial cobertura às questões culturais, com destaque à literatura. Assim, nesta edição, duas páginas, com pequenos artigos de vários especialistas, cobre o lançamento do romance *Ibiamoré, o trem fantasma*, de Roberto Bittencourt Martins, recriando antiga lenda do pampa sul-rio-grandense. Também recebe duas páginas o filme *Eles não usam Black-tie*, de Leon Hirzman, adaptação da peça teatral homônima de Gianfrancesco Guarnieri, interpretado pelo próprio autor, obra que, de certo modo, era atualizada na nova leitura fílmica. E destacava o lançamento de um dicionário – *Como falam as esquerdas* – do professor e revisor José Luiz Ribeiro, em pesquisa desenvolvida na PUCRS. A edição se encerrava com matéria de três páginas sobre “Abertura e psicanálise”, entrevista com o psicanalista Abraão Slavutsky, cuja formação ocorreu em Buenos Aires e era um dos melhores críticos dos escritores sul-rio-grandenses da época, dentre os quais o velho Cyro Martins.

## EM RESUMO

Percorrido este roteiro, o que se pode dizer, em síntese, a respeito do jornal, levando-se em conta, como se destacou antes, que a análise, por questão de comodidade e de rentabilidade centralizou-se apenas nas edições de outubro de cada ano,

---

<sup>74</sup>Brasileiro que viajasse a Cuba não podia ter seu passaporte carimbado na aduana centro-americana, sob pena de se incomodar na volta. Quando integrei o júri do Prêmio Literário Casa de las Americas, viajei prela Varig até Lima/Perú, depois pela empresa Cubanas, mas sem carimbar o passaporte. Voltei a Cuba pelo menos cinco vezes, nos anos seguintes. Nas últimas vezes, o roteiro era mais fácil: viajava-se via Panamá, pela COPA, sem maiores percalços.

partindo-se do fato que em outubro de 1976 o *Coojornal* deixara de ser um boletim dirigido aos profissionais da mídia e se tornara jornal mensal a circular amplamente entre o público mais esclarecido do estado e com alguma circulação no país.

A primeira observação deve ser dirigida à amplitude dos temas cobertos pela publicação. Da política partidária – sempre complicada de ser abordada, naquela época – sobretudo levando-se em conta que, durante algum tempo, o jornal sofria censura prévia – à economia, passando pela cultura; dos temas diretamente vinculados a Porto Alegre e ao Rio Grande do Sul, aos debates envolvendo o Brasil e alguns temas até de repercussão mundial, o *Coojornal*, lido agora, à boa distância temporal do que ali trazem suas páginas, evidencia-se como um eficiente resumo selecionado dos principais temas em discussão na época.

Uma segunda observação, intimamente vinculada a esta primeira é o fato de que o jornal, embora claramente defensor de um projeto ideológico contrário à ditadura, não teve qualquer comportamento preconceituoso quanto a temas ou entrevistados, procurando abordar o debate do dia e trazer a palavra de personagens importantes, fossem eles mais ou menos simpáticos à linha editorial da publicação ou de seus leitores.

Por outro lado, o periódico definia-se com clareza por uma tendência ideológica de esquerda, como se dizia então. E não temia trazer a palavra ou relatar iniciativas e ações de quem se colocava contrário ao regime militar do país ou agregado às linhas do capitalismo internacional. Vale lembrar, assim, a validade da perspectiva teórica de Maxwell McCombs (2009), a respeito do enquadramento das informações, conceito buscado nos estudos de Erving Goffman (2011), desenvolvidos especialmente em aprofundado trabalho da espanhola *Framing: El encuadre de las noticias* (2007, p. 14), onde se lê:

Os teóricos do *framing* defendem que, longe do preconizado objetivismo informativo, o jornalista conta os acontecimentos com um enfoque particular. Ao analisar este enfoque, os estudos consideram as possíveis influências pessoais e profissionais com as quais o jornalista aborda a tarefa de elaborar uma mensagem informativo.

Daí podermos constatar, analisadas estas matérias acima citadas, uma certa hierarquia temática que identifica a publicação: de um lado, a recuperação da memória recente, com a narrativa de acontecimentos até então proibidos. Muitas vezes, os temas continuam proibidos, mas o desafio que a publicação lança à administração pública obriga-a assumir sem subterfúgios tal proibição e, desta maneira, bem ou mal, ela se torna pública. Ou seja, ela se torna conhecida.

Por outro lado, os responsáveis pelo periódico sempre dão especial atenção a personagens de fatos mais significativos desta mesma história recente, ou do presente. Sobretudo, aquelas personagens sobre as quais até então pesavam acusações de subversão da ordem (ditatorial) ou que, simplesmente, tiveram algum papel significativo nos fatos mais recentes ou do presente.

Finalmente, há uma atenção especial aos temas culturais que vão da literatura

ao teatro e ao cinema. Com isso, o jornal vai constituindo uma espécie de agenda sugestiva de leituras e acompanhamento de produtos culturais que trazem novas perspectivas a respeito da realidade brasileira, antes de tudo, e, por extensão, do continente latino-americano ou mundial.

Uma última pauta – mas não menos importante – se constitui de temas vinculados a questões econômico-financeiras e político-partidárias. Numa linguagem que procura ser a mais clara e objetiva possível, os textos – reportagens de profundidade ou entrevistas extensas e amplas – procuram explicar o que acontece e chamar a atenção para fatos que nem sempre recebem maior destaque na chamada imprensa de referência.

Essas perspectivas se devem ao fato de a publicação poder contar com uma multiplicidade de colaboradores, tanto entre os jornalistas seus associados, quando escritores, professores e cientistas que se dispunham a contribuir com o periódico, reconhecendo-lhe a função social de crítica e de revisão da realidade que boa parte da mídia de então omitia.

Destaque-se que o *Coojornal* herdou e soube bem utilizar as lições trazidas da modernização, dentre outros, do *Jornal do Brasil* e do *Jornal da Tarde*, com a valorização do *design*, naquilo que mais o caracterizou, conforme Ferreira Júnior (2003): há evidentes relações entre conteúdo, posicionamento ideológico e desenho de página, com destaque para a capa dessas publicações.

Registre-se, por fim, a importância da linguagem adotada: no que diz respeito ao texto, trata-se de uma linguagem simples e cotidiana, ainda que objetiva quanto a conceitos emitidos. As grandes reportagens e entrevistas possuem um dialogismo constante com o leitor, envolvendo-o em suas colocações, de modo a não parecer que o autor do texto seja um especialista a quem não se pode jamais contestar. Há uma ênfase na narratividade, aliada à dramaticidade, com a observação de detalhes e a valorização da individualidade da personagem, de modo a destacar e reconhecer sua eventual contribuição ou função social em relação àquele fato narrado. Há, contudo, também, a valorização das manchetes ou chamadas de capa. A principal função das mesmas, a seguir a lição de Pinto e Szymaniak (2005), é o fato de garantir atratividade para os textos a serem apresentados no interior do jornal. A capa do jornal é como a embalagem do produto: precisa chamar a atenção, antecipando seu conteúdo, de maneira eficiente e sintética, sem trair ou falsear o que, de fato, o leitor depois vai encontrar no interior da publicação. Ora, levando-se em conta o período de exceção de liberdades políticas, de vigência de censura e das conseqüentes necessidades de enfrentar, driblar e desafiar as proibições, o uso da cor para destacar, e a escolha do vocabulário, para sugerir ou atrair o leitor, foram duas questões fundamentais enfrentadas pelo jornal, que precisava, ao mesmo tempo, ultrapassar a desconfiança do censor e provocar a curiosidade e o interesse do leitor.

Em síntese, o *Coojornal* incorporou, valorizou e por vezes antecipou as linguagens criativas, aproximadas ao chamado *jornalismo literário*, reconhecendo a importância do acontecimento, mas, ao mesmo tempo, incorporando o fato de que nenhum acontecimento existe sem a existência de personagens. Por isso, foi a estes que a reportagem narrativa do jornalismo procurou dar maior destaque e atenção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

COELHO, Andrea – Imprensa alternativa – Apogeu, queda e novos caminhos, Rio de Janeiro, Prefeitura Municipal da Cidade do Rio de Janeiro, 2005. Coleção Comunicação-Memória, vol. 13.

FERREIRA JÚNIOR, José – Capas de jornal. A primeira imagem e o espaço gráfico visual, São Paulo, SENAC. 2003.

GOFFMAN, Erving – Ritual de interação: Ensaio sobre o comportamento face a face, Petrópolis, Vozes. 2011.

GUIMARÃES, Rafael; CENTENO, Ayrton et BONES, Elmar (Eds.) – Um jornal de jornalistas sob o regime militar, Porto Alegre, Libretos. 2011.

HOHLFELDT, Antonio – “Comportamentos de Movimento antes e depois da censura prévia: Táticas e estratégias”, Palmas, Universidade Federal do Tocantins, Revista Observatório, Vol. 2, Especial 2, outubro de 2016, ps. 123-143. O texto fora anteriormente apresentado no XXIV Encontro Anual da COMPÓS, na Universidade de Brasília, no Distrito Federal, em 2015, no GT Estudos de Jornalismo.

JOÃO ANTONIO – “Corpo a corpo com a vida” in Malhação do judas carioca, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 19175, ps. 141 e ss.

KUSCINSKI, Bernardo – Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa, São Paulo, Scritta. 1991.

MARCONI, Paolo – A censura política na imprensa brasileira, São Paulo, Global. 1980.

McCOMBS, Maxwell – A teoria da agenda. A mídia e a opinião pública, Petrópolis, Vozes. 2009.

MOUILLAUD, Maurice et PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.) – O jornal. Da forma ao sentido, Brasília, Editora UNB. 2002.

PINTO, Mário et SZYMANIAK, Włodzinierz Józef – Títulos das notícias. Recursos retórico-estilísticos. Intencionalidade ou acaso? Coimbra, Minerva. 2005.

POZZER, Giovanna Hagemann – A sociedade através de imagens. Linguagem visual das fotografias e ilustrações apresentadas nas capas do Coojornal, Porto Alegre, PUCRS. 2014, mimeo.

ROCHA, Carole Funck – Um editor chamado tesoura: A censura no Coojornal, Porto Alegre, PUCRS. 2009, mimeo.

SADABA, Teresa – Framing: El encuadre de las noticias. El binómia terrorismo-medios, Buenos Aires, La Crujia. 2007.

SILVEIRA, Núbia – “Coojornal, a cooperativa que incomodou a ditadura” in <http://www.sul21.com.br/jornal/coojornal-a-cooperativa-que-incomodou-a-ditadura>, Porto Alegre, 6 de junho de 2001, acessado em 16 de maio de 2015.